

**A DESEDUCAÇÃO OBRIGATÓRIA, POR PAUL GOODMAN**

**LA DESE EDUCACIÓN OBLIGATORIA, POR PAUL GOODMAN**

**COMPULSORY MISEDUCATION, BY PAUL GOODMAN**

Ivan FORTUNATO<sup>1</sup>  
Carolina Rodrigues CUNHA<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo, escrito na forma de ensaio, busca recuperar elementos que ajudam a refletir o modo massificador sobre o qual tende a operar a educação escolar. Especificamente, assenta-se sobre as ideias de um livro norte-americano, publicado por Paul Goodman na década de 1960, chamado “deseducação obrigatória”. Acredita-se que as críticas trazidas pelo autor, há mais de cinquenta anos, ainda são válidas e merecem ser discutidas no contexto escolar atual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Deseducação. Educação formal. Escola.

**RESUMEN:** Este artículo, escrito en forma de ensayo, busca recuperar elementos que ayudan a reflejar el modo masivo sobre el cual tiende a operar la educación escolar. Específicamente, se asienta sobre las ideas de un libro norteamericano, publicado por Paul Goodman en la década de 1960, llamado “deseducación obligatoria”. Se cree que las críticas traídas por el autor, hace más de cincuenta años, todavía son válidas y merecen ser discutidas en el contexto escolar actual.

**PALABRAS CLAVE:** Deseducación. Educación formal. Escuela.

**ABSTRACT:** This paper, written as an essay, seeks to recover elements that help to reflect the massification on which tends to operate the school education system. Specifically, it rests on the ideas of an American book, published by Paul Goodman in the 1960s, called “compulsory miseducation”. It is believed that the criticisms brought by the author, over fifty years ago, are still valid and deserve to be discussed in the current school context.

**KEYWORDS:** Miseducation. Formal education. School.

## Introdução

<sup>1</sup> Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Itapetininga – SP – Brasil. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Sorocaba – SP - Brasil. Coordenador da licenciatura em Formação Pedagógica/IFSP e professor permanente do PPGEd/UFSCar. E-mail: ivanfirt@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Instituto Federal de São Paulo (Ifsp), Itapetininga – SP - Brasil. Licenciada em Física. E-mail: profcarolrcunha@gmail.com.

Quando, em um congresso, eu proponho que talvez já tenhamos muita educação formal e que, sob as condições atuais, quanto mais escolarização tivermos, menos educação teremos, os outros me olham esquisito e continuam discutindo sobre como conseguir mais dinheiro para as escolas e como melhorar as escolas<sup>3</sup>. (GOODMAN, 1964, p. 1<sup>4</sup>).

Este artigo, escrito na forma de ensaio, busca recuperar elementos que ajudam a refletir o modo massificador sobre o qual tende a operar a educação escolar. As ideias aqui apresentadas fazem parte de um projeto mais amplo, que tem apresentado resultados críticos (e até importantes) sobre formas antigas de se pensar e praticar a educação escolar, de forma que superam a tradicional e secular transmissão alienante de informações (HERRÁN; FORTUNATO, 2017; FORTUNATO, 2016a; 2016b; 2016c; FORTUNATO; PENTEADO, 2015). Pode-se até descrever este projeto de pesquisa como uma metafórica arqueologia do saber educacional, que busca nos autores do passado elementos para analisar e discutir a educação escolar do presente. Educação que ainda se assenta sobre o que é amiúde referida como educação tradicional: um professor, vários estudantes, um livro guia e provas sobre o conteúdo do referido livro.

Mesmo que esse projeto de fôlego tenha conquistado resultados diversos, especialmente com a colaboração de estudos de Paulo Freire, Edgar Morin, Noam Chomsky, Georges Snyders, Donald Schhön, Célestin Freinet e Alexander Neill (de Summerhill), essa arqueologia ainda está longe de ser qualificada como completa. Por isso, em meio aos procedimentos de procurar e examinar antigas ideias de superação da escolarização tradicional, foi localizado o livro de Paul Goodman (1964) intitulado “*Compulsory Mis-education*” - traduzido como deseducação obrigatória - apresentando não apenas um olhar apocalíptico a respeito da educação escolar alienante e frustrante, mas formas para se fazer diferente.

Na referida obra, Goodman (1964) expressou ácidas críticas à educação escolar formal, inclusive postulando que existe um entendimento coletivo de que melhorar a educação implica a criação de políticas públicas de financiamento para expansão da rede e valorização do profissional da educação. O autor esclareceu que isso apenas amplia a possibilidade de escolarização, mas, para ele, o problema de toda educação formal reside na escolarização em

<sup>3</sup> Tradução do original: “*When at a meeting, I offer that perhaps we already have too much formal schooling and that under present conditions, the more we get the less education we will get, the others look at me oddly and proceed to discuss how to get more money for schools and how to upgrade the schools*”.

<sup>4</sup> O livro original é raro, portanto de difícil acesso. Consultamos versão em PDF, sem paginação, disponibilizada no seguinte endereço eletrônico: <<https://goo.gl/CkCCvO>>. Acesso em: 10 dez. 206.

si e, portanto, mais investimento equivaleria à maior fracasso no próprio sistema. Isso porque, para Goodman (1964):

As escolas fornecem à melhor preparação as pessoas viverem neste mundo complicado, são um refúgio lógico para jovens desempregados, podem equalizar oportunidades para os menos privilegiados, podem desenvolver pesquisas em todos os campos, além de ser indispensável para a criatividade, prática de negócios, trabalho social, higiene mental, alfabetização – basicamente, o que se puder imaginar haverá cursos e certificação. **As escolas oferecem poucas evidências de sua capacidade para realizar qualquer uma dessas coisas. Há uma abundância de evidências para o contrário** – mas eles não precisam oferecer provas, desde que ninguém se oponha a elas ou proponha alternativas<sup>5</sup>. (GOODMAN, 1964, p. 5, grifo nosso).

As críticas apresentadas por Goodman foram suficientes para motivar uma busca inicial, desenvolvida no ano de 2016, como pesquisa de iniciação científica (TERRA; CUNHA; FORTUNATO, 2016). À época, o objetivo foi o de tentar compreender o título da obra, ou seja, o que é que se estava chamando de “deseducação obrigatória”. De imediato, foi percebido que Goodman (1964) propagava uma visão negativa para a educação formal, claramente expressando que as instituições educativas são capacitadas apenas para emitir certificados, pois nada conseguem realizar de fato a respeito da área para a qual certifica. A esse respeito, portanto, o autor expressava indignação sobre a segregação entre a teoria ensinada nas escolas e a prática no mundo concreto.

Ainda, o autor apresentou a existência de uma possível “superstição coletiva”, na qual declarou que a sociedade entende que a educação somente pode ser realizada em instituições formais para esse fim específico. Dessa forma, ao postular que a sociedade creditava unicamente na escola como produtora de educação, ao mesmo tempo em que desenvolve a ideia de que a instituição de educação formal não consegue ir além da sua função certificadora, o autor declara contundente paradoxo: a sociedade somente consegue proporcionar, portanto, uma deseducação obrigatória.

Paul Goodman foi um professor que lecionou em diversas universidades norte-americanas. Afirmou, no texto autobiográfico *Being queer* (GOODMAN, 2012<sup>6</sup>), que foi

<sup>5</sup> Tradução do original: “*The schools provide the best preparation for everybody for a complicated world, are the logical haven for unemployed youth, can equalize opportunity for the underprivileged, administer research in all fields, and be the indispensable mentor for creativity, business-practice, social work, mental hygiene, genuine literacy – name it, and there are credits for it leading to a degree. The schools offer very little evidence of their unique ability to perform any of these things – there is plenty of evidence to the contrary – but they do not need to offer evidence, since nobody opposes them or proposes alternatives*”.

<sup>6</sup> O texto original é de 1969. Em 2012, foi publicada versão póstuma, traduzida para o português.

despedido de três universidades distintas por causa de seu comportamento *queer* e, nas suas próprias palavras, sua promiscuidade sexual. No texto, afirmou ser bissexual e bastante ativo, tratando do assunto com bastante naturalidade e pouca discrição. De certa forma, a militância educacional de Goodman e sua visibilidade colaboraram com intensos movimentos LGBTI dos anos 1970. Segundo o próprio autor, toda repressão da sexualidade é nociva à sociedade, pois despersonaliza, gera hostilidade e paranoia. Goodman, ainda, foi um dos precursores da terapia Gestalt, tendo sua batalha por uma sociedade mais saudável para que as pessoas sejam (mentalmente) mais saudáveis retratada por Aylward (1999).

Blake (2012), que qualifica Goodman como “anarquista” e “patriota”, também recupera a contribuição à psicologia e suas ideias a respeito da relação indivíduo-sociedade no que diz respeito à saúde emocional e mental. Friedenber (1994) escreveu sobre a biografia de Paul Goodman, retratando-o como “polêmico” (dentre outros predicados menos favoráveis). Segundo esse autor, já não é mais possível deixar Goodman esquecido, pois suas ideias, edificadas nos anos de conquista do espaço motivada pela Guerra Fria, podem e devem ser atualizadas e reconfiguradas ao nosso tempo.

Mas, nem Aylward (1999), Blake (2012) ou Friedenber (1994) tocaram com propriedade nas ideias fundamentais de “*miseducation*”, deixando a impressão de que Goodman seria tão anarquista quanto Ivan Illich (1985), desejando apenas o fim das escolas. Não obstante, conforme declarou Belmino (2016, p. 246): “Goodman não era, tal como seu companheiro Illich, contra o sistema escolar, apostando na derrubada dessas instituições como saída para a educação”.

De fato, Belmino (2016) reiteradamente usa o adjetivo anarquista para qualificar Goodman. Segundo o autor, Goodman entendia a sociedade como uma alienação da própria natureza humana, pois, quanto mais civilizada e organizada a sociedade, menos espontânea e orgânica ela se torna. Isso gera efeitos negativos e nocivos, tais como pornografia, ódio, violência, guerra etc. A sociedade seria uma espécie de traição à natureza humana, pois a reprime. Por isso, Belmino (2016, p. 242) afirmou que, “para Paul Goodman, a única política segura é aquela de base pacifista, anarquista e descentralizadora”. O autor também declarou que Goodman via na escola o melhor meio para treinar os mais novos a respeito do sistema organizado, apático e contrário à natureza humana. Mesmo assim, reitera-se, Goodman não era radicalmente contra a escolarização.

Isso fica evidente no livro “*Compulsory Mis-education*”, no qual apresentou alternativas à escolarização, as quais ele entende serem mais coerentes com a natureza

humana. Na primeira parte do livro, Goodman (1964) deixou expresso seis alternativas<sup>7</sup> contra o que ele nomeou como “armadilha universal”, ou seja, a escolarização obrigatória. Primeiro, ele considerou que a escolarização não deveria existir para algumas “classes”. Sem entrar em uma discussão semântica sobre o que o autor teria qualificado como classes, ele argumenta que alguns lugares seria melhores sem escolas, desde que as crianças pudessem efetivamente viver em comunidade.

Com isso, ele já trouxe outra alternativa: os lugares da cidade – ruas, lojas, cinemas, museus, parques e indústrias – deveriam ser os lugares de ensinar, ao invés da abstração do mundo que se apresenta em sala de aula, o mundo deveria ser a sala de aula. Esse tipo de educação formal não seria algo novo, pois o próprio autor se referiu a ela como modelo ateniense, além de ser muito similar à prática pedagógica de Freinet e suas aulas-passeio (ver FORTUNATO, 2016a; 2016b). E, se a cidade se tornasse lugar próprio para a educação, Goodman (1964) delineou, como alternativa à deseducação obrigatória, a possibilidade de se utilizar alguns adultos da comunidade como educadores, tais como o mecânico, o farmacêutico, o dono da mercearia etc. Segundo o autor, isso evitaria a drástica separação entre o que se faz na escola e o que se faz fora dela, além de se tornar uma experiência valiosa para os próprios adultos que estariam participando das ações de ensino.

Na sequência, fez uso das ideias de vanguarda de Neill (1978) a respeito de se tornar a frequência opcional às aulas. Porém, diferente da proposta da escola de Summerhill, Goodman (1964) chegou a postular que se os professores fossem bons, não haveria ausência de alunos e, se fossem ruins, a ausência massiva serviria de indicativo da má qualidade da aula – obviamente, tal afirmação é simplista demais, desconsiderando toda contingência da educação formal, que interfere nas situações de sala de aula (FORTUNATO, 2018). Em todo caso, é importante entender o motivo principal pelo qual Goodman (1964) defendia a presença opcional às aulas: a obrigatoriedade afasta as crianças de seus pais (dando-lhes tempo para trabalhar e outras tarefas), mas é uma armadilha para as próprias crianças, prendendo-as nas escolas que, conforme já delineado neste ensaio, serve de instituição certificadora para uma profissão que não consegue preparar seus egressos.

Outra alternativa de Goodman (1964) vai ao encontro das ideias de muitos educadores, expressas por Neill e Freinet, por exemplo. Trata-se da proposta de escolas pequenas, com classes reduzidas, não segredadas por séries/anos, com possibilidades não apenas de estudo, mas de lazer e entretenimento. Assim, ao invés de postular o fim das escolas, Goodman

---

<sup>7</sup> Embora Belmino (2016) já tenha traduzido e tecido comentários às seis alternativas, achamos prudente fazer referência à obra original.

(1964) apresentou tais alternativas à deseducação obrigatória, afirmando que estas (e outras) poderiam ser colocadas em prática em grupos pequenos, sempre sem a necessidade da educação padronizada, homogênea e seriada, como é a da escola formal, de frequência compulsória.

De acordo com Kaminsky (2006), há várias formas de se referir a Paul Goodman, tais como boêmio, artista de vanguarda, poeta, romancista e intelectual anarquista. Segundo o autor, as ideias educacionais de Goodman não diziam respeito a aprender coisas ou se dar bem nas provas, mas aprender a ser livre e a conhecer a si mesmo. Isso fica evidente quando afirmou que “a pauta educacional de Goodman era sobre liberdade e autenticidade pessoal, não revolução social ou desempenho acadêmico<sup>8</sup>” (p. 1343). Por isso, Goodman defendia um currículo que estivesse voltado mais ao fenômeno de se tornar si mesmo no mundo, sendo que o sucesso na educação teria a ver com liberdade pessoal, sentido de igualdade e fraternidade. Goodman, nos anos 1960, já propunha a inclusão de questões raciais, de gênero, guerra e economia nas escolas. Vimos, portanto, que Kaminsky (2006) colocou Goodman como um pensador à frente de seu tempo, interessado em uma educação mais livre e libertadora, e menos estanque e padrão, mais preocupada com a formação do sujeito do que com resultados em provas e sucesso profissional. Tudo isso fica bastante evidente na passagem seguinte, na qual expressou que:

As obras educacionais de Goodman, vistas como um todo, sugerem uma hermenêutica existencial que se recusa a avaliar o que conta como educação em termos de contribuição para a lei e para a ordem (obediência) ou sua contribuição para o Produto Nacional Bruto (riqueza nacional). Goodman criticou qualquer ordem natural ou social que inibisse os desejos do coração em nome da obediência. Seus escritos educacionais e metáforas direcionam cada pessoa para selecionar ou criar sua própria ordem educacional e assumir a responsabilidade pela sua criação. Sua vida, assim como sua poesia, demonstraram que ter controle de seu próprio nome e, conseqüentemente, da sua própria vida, é, no mínimo, tão importante quanto ser um especialista<sup>9</sup>. (KAMINSKY, 2006, p. 1357).

<sup>8</sup> Tradução do original: “*Goodman’s educational agenda was about personal liberty and authenticity, not social revolution or academic performance*”.

<sup>9</sup> Tradução do original: “*Goodman’s educational works, viewed as a collection, suggest an existential hermeneutics that refuses to evaluate what counts as an education in terms of its contribution to law and order (obedience) or its contribution to the Gross National Product (national wealth). Goodman decried any natural or social order that inhibited the desires of the heart in the name of obedience. His educational writings and the tropes that are part of them direct each heart to select or create its own educational order and take responsibility for its creation. His life, like his poetry, asserted that having one’s own name, and therein, one’s own life, is at least as important as being an expert*”.

Vimos, nesta citação, que a principal preocupação de Paul Goodman com relação à educação é que esta deveria ter como meta o indivíduo ante ao coletivo, ou seja, possibilitar que cada um compreenda a si mesmo, conheça sua comunidade e que tenha liberdade de ser quem é. Por isso, Goodman tinha postura desfavorável à educação formal de massa, administrada com foco em resultados, mensurados por meio de testes padrão. Contrário à deseducação obrigatória, apresentou diversas alternativas, focadas em escolas menores, com grupos menores de estudantes, além de abertas à comunidade e na relação entre o trabalho educacional e o mundo exterior.

Iniciamos este ensaio com o propósito de se consubstanciar o pensamento educacional de Paul Goodman, um autor que se fez esquecido da universidade, ou apenas lembrado por contribuições políticas, sociológicas e psicológicas. Para tanto, resgatamos algumas ideias publicadas no livro “*Compulsory Mis-education*”, especialmente seus argumentos amargos sobre a educação escolar, e suas eloquentes alternativas para superá-los. Ao final, ao recuperar as ideias principais de uma obra ocultada dos cursos de formação de professores, que gravitam entorno de uma suposta “deseducação obrigatória”, esperamos lançar mais luz sobre o fato de que a educação escolar precisa de novos contornos, menos pragmáticos e mais subjetivos.

## REFERÊNCIAS

AYLWARD, J. The contributions of Paul Goodman to the clinical, social, and political implications of boundary disturbances. **Gestalt Review**, v. 3, n. 2, p. 107-18, 1999.

BELMINO, M. C. de B. Paul Goodman e o problema da natureza humana a partir de uma leitura “gestáltica”: desdobramentos para o campo da política e da educação anarquista. **Revista IGT na Rede**, v. 13, n. 25, p. 234–252, 2016. ISSN: 1807-2526.

BLAKE, C. N. Paul Goodman: anarchist and patriot. **Raritan: a quarterly review**, p. 20-33, 2012.

GOODMAN, P. Ser queer. Trad. Chico Moreira Guedes. **Bagoas**, Natal, v. 6, n. 7, p. 32-41, 2012.

GOODMAN, Paul. **Compulsory Miseducation**. U.K.: Horizon Press: 1964.

FORTUNATO, I. Três saberes pedagógicos na e para a formação de professores. In: SHIGUNOV NETO, A.; FORTUNATO, I. (org.). **Saberes Pedagógicos: perspectivas & tendências**. São Paulo: Edições Hipótese, 2018. p. 82-96.

FORTUNATO, I. Aprendendo com Célestin Freinet: o passado ainda é presente. **Tendências Pedagógicas**, Madrid, n. 27, p. 251-258, 2016a.

FORTUNATO, I. 50 anos sem Célestin Freinet, 500 anos de retrocesso das práticas escolares. **Journal for Educators, Teachers and Trainers**, Granada (Espanha) v. 7, n. 1, p. 174-181, 2016b.

FORTUNATO, I. Ainda é preciso ter Cuidado, Escola?! **InterScience Place**, Campo dos Goytacazes, v. 11, n. 2, p. 86-95, 2016c.

FORTUNATO, I.; PENTEADO, C. L. de C. Educomunicação, ou contra a concorrência desleal entre educação e a mídia do espetáculo. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 17, p. 377-393, 2015.

FRIEDENBERG, E. Z. Paul Goodman. **Prospects**: the quarterly review of comparative education, Paris, v. XXIII, n. 3/4, p. 575-595, 1994.

HERRAN, A. de la.; FORTUNATO, I. La clave de la educación no está en las nuevas Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC). **Acta scientiarum. Education**, Maringá, v. 39, n. 3, p. 311-317, 2017.

IILICH, I. **Sociedade sem escolas**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

KAMINSKY, J. S. Paul Goodman, 30 years latter: Growing Up Absurd; Compulsory Mis-education, and the Community of Scholars; and The New Reformation – a retrospective. **Teachers College Record**, New York, v. 108, n. 7, p. 1339-1361, 2006.

NEILL, A. S. **Um mestre contra o mundo**: o fracasso que floriu numa nova escola. São Paulo: IBRASA, 1978.

TERRA, C. N.; CUNHA, C. R.; FORTUNATO, I. “Deseducação”: análise crítica da primeira parte do livro Compulsory Miseducation. II Encontro de Práticas Pedagógicas. Itapetininga: **Anais...** 2016.

### Como referenciar este artigo

FORTUNATO, Ivan; CUNHA, Carolina Rodrigues. A Deseducação Obrigatória, por Paul Goodman. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v. 6, n. 2, p. 175-182, jul./dez., 2017. E-ISSN: 2358-4238.

**Submetido em:** 01/12/2017

**Aprovado em:** 20/12/2017